A OBRA DE CELSO DE MAGALHÃES NA HISTÓRIA DA LITERATURA: DIGITALIZAÇÃO DE TEXTOS E ANÁLISE DE POEMAS ABOLICIONISTAS NA COLETÂNEA *VERSOS* (1870)

Luis Gustavo da Silva de Sousa[1]

Emanoel Pires[2]

INTRODUÇÃO

A literatura maranhense trouxe muitos autores proeminentes ao longo de sua trajetória, como Gonçalves Dias, responsável por projetar nacionalmente a literatura do estado através de sua obra poética; Aluísio Azevedo, considerado inaugurador do romance naturalista no Brasil com sua obra *O Mulato* (1881). Além dos autores supracitados, despontam outros nomes populares nacionalmente, como Maria Firmina dos Reis, Graça Aranha e Coelho Neto. Apesar do fulcro literário, o acesso à boa parte dos trabalhos de muitos de nossos escritores se mostra problemático, visto que há textos que se encontram apenas em acervos literários impressos. Consequentemente, há escassez de estudos sobre as obras desses autores na academia e de destaque nos manuais de historiografia.

Nesse panorama, sítios virtuais como o Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br) e a Biblioteca Digital da Literatura Maranhense (https://literaturamaranhense.ufsc.br) aparecem como iniciativas de resgate a esses autores, que por não terem acesso facilitado, perdem espaço no campo acadêmico de pesquisas literárias, através de um processo de digitalização e publicação de suas obras de forma integral on-line, facilitando o acesso e a divulgação enquanto preserva esses trabalhos. Mesmo assim, ainda há muitos autores fora dos escopos de leitura e pesquisa e sem um acervo disponível para o público leitor e pesquisador.

É o caso do autor Celso da Cunha Magalhães (1849-1879): importante jurista, romancista, jornalista, pesquisador e poeta maranhense da metade do século XIX, nascido na cidade de Penalva, no interior do Maranhão. Em 1868, viajou para o estado de Pernambuco, local onde consolidou sua formação intelectual na faculdade de direito em Recife. Inserido em um ambiente reformista abarcado por transformações políticas e o cientificismo, foi profundamente influenciado pelas teorias em voga na época e pelo republicanismo, desenvolvendo uma visão abolicionista que teve vazão em sua obra poética. É considerado pioneiro nos estudos do folclore brasileiro, por meio de sua obra *A Poesia Popular Brasileira* (1873), além de um importante nome na projeção nacional da literatura abolicionista em sua época (Nascimento, 2004; Costa, 2018). No campo do direito, Celso é renomado pela sua atuação como promotor público na cidade de São Luís, nos anos finais de sua vida, onde, segundo o biógrafo Washington Cantanhede, se esforçou em tudo que havia ao seu alcance para levar ao banco dos réus a importante dama Ana Rosa, que depois seria a Baronesa de Grajaú, acusada do homicídio de um menino escravizado em sua casa, que, todavia, obteve absolvição, sendo baldado o esforço do digno promotor em apelação ao Tribunal da Relação da Província do Maranhão. O nome do promotor foi eternizado no estado "não só em decorrência de seus reconhecidos méritos de pesquisador e literato, mas também em virtude de suas qualidades de agente público" (Cantanhede, 2021, p. 210).

Portanto, com base em pesquisas sobre o autor maranhense e sua obra, buscamos não só descortinar questões sobre sua figura, como também fomentar o banco de dados do Portal Maranhão com as obras que fossem encontradas do autor em acervos e sítios virtuais, presas a

1 Discente em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: lgustavo1721@gmail.com

2 Doutor em Literatura, Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: emanoel.uema@gmail.com

uma grafia pré-reforma, em formato antigo e muitas vezes incompletas. Além desse processo, incluímos no escopo uma breve análise de sua coletânea *Versos* (1870), com foco nas poesias que representam a visão crítica do autor quanto ao abolicionismo, explorando os temas e observando, por meio da ferramenta de escansão automática Aoidos, os esquemas rítmicos, a quantidade de sílabas poéticas e principalmente os processos de acomodação silábica, buscando situar o promotor e sua obra na história da literatura, baseado no contexto em que viveu e as influências por ele recebidas.

METODOLOGIA

Para efetivação desta pesquisa, foi desenvolvido um processo metodológico qualitativo e quantitativo. Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica dentro de acervos literários no campo virtual, como o próprio Portal Maranhão e o espaço digital da Biblioteca Benedito Leite, além de sites de venda e troca de livros usados, como a Estante Virtual. Essa etapa objetivou coletar mais informações a respeito do conjunto de obras do autor, o que nos permitiu descobrir quais trabalhos não estavam disponíveis, seja por extravio ou por nunca terem sido digitalizados.

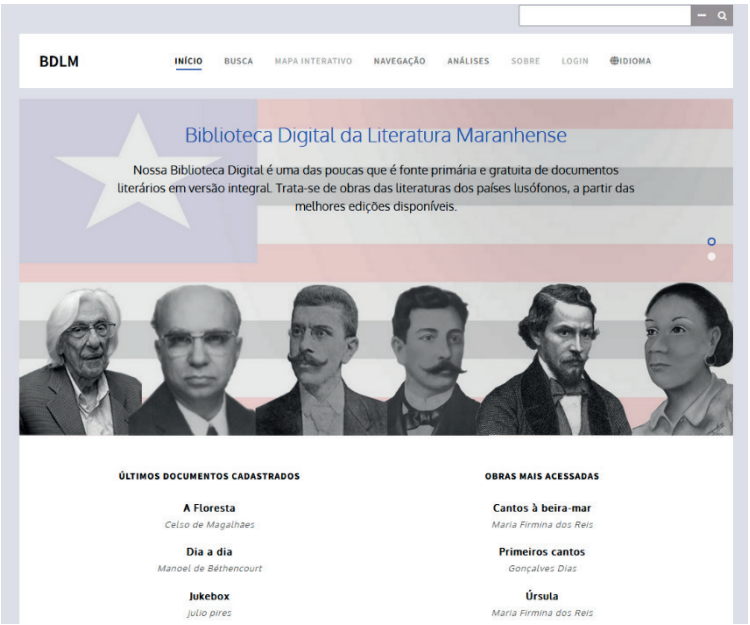
Na segunda etapa, exploramos o campo bibliográfico na pesquisa acadêmica, realizando a leitura de textos que serviram de aporte teórico para fundamentação, tais como a biografia, *A Flor Vermelha* (2018), a tese de doutorado que envolve o escritor (2017) e o artigo de análise do abolicionismo e racialismo da figura de Celso Magalhães (2017), todos realizados pelo historiador Yuri Costa, obras de grande valor literário e científico pela quantidade de documentações utilizadas e investigadas sobre a trajetória do autor, a segunda em questão sendo um dos poucos textos que analisam sua produção em si, sendo inclusive as principais fontes biográficas pela complexidade de seu estudo. Utilizamos também as contribuições de Nascimento (2004), Neres Costa (2015), entre outros. Essas pesquisas bibliográficas e documentais versam a respeito da vida, escrita e legado de Celso Magalhães, além dos pressupostos teóricos que nos permitiram apreender os fundamentos da pesquisa, fornecendo um norte para o estudo.

Na terceira etapa, selecionamos as obras encontradas através dessas investigações, catalogando e dividindo-as numa ordem de nome, ano de publicação e classificação para serem colocadas no Portal Maranhão posteriormente, conforme será observado adiante.

No caso de obras que não se encontravam no formato digital (PDF, HTML), utilizamos uma máquina de scanner amparada por uma tecnologia de reconhecimento ótico de caracteres (OCR), transformando as obras num texto editável e pesquisável, ao contrário do formato tradicional de digitalização que apenas fotografa e agrupa as páginas. Já para as obras que encontramos nos acervos digitais, transcrevemos manualmente as versões antigas para um arquivo em formato TXT, sendo convertido em DOCX para ser editado devidamente no Microsoft Word na etapa seguinte.

Na quinta etapa, atualizamos a grafia dos trabalhos, buscando corrigir problemas textuais resultantes do avanço nas regras ortográficas e gramaticais da Língua Portuguesa, além de melhorar a formatação apresentada. Esse processo foi efetuado com muita cautela, tendo em vista a obrigação de se preservar o sentido original dos textos e o estilo do autor conforme o texto era remanejado. O final desse processo nos levou à alimentação do banco de dados do Portal Maranhão, onde as obras digitalizadas e atualizadas estão sendo inseridas.

Figura 1 – Página inicial do Portal Maranhão



Fonte: Biblioteca Digital da Literatura Maranhense, 2026

Na sexta e última etapa da pesquisa foi onde trabalhamos com a obra *Versos* (1870), construindo um panorama do conjunto poético. Os poemas para análise, "O Escravo" e "Osório", foram escolhidos por serem representantes do caráter abolicionista e de crítica social do autor, que juntamente dos estudos de folclore, foram responsáveis por sua relativa projeção nacional. No caso de "Osório", foi selecionado por representar não só a visão abolicionista do autor, como também seu republicanismo. A contextualização do período literário de Celso e análise é construída através das contribuições de autores da historiografia literária como Citelli (2007), Cunha (1971), Coutinho (1959) e Silva (2023) a fim de explicar em que tripé esses poemas foram escritos e o contraste entre eles. Além disso, utilizamos a ferramenta digital Aoidos, capaz de automatizar a escansão de versos. O trabalho foi realizado em parceria com o Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística – NuPILL/UFSC, que faz uso em suas pesquisas literárias de ferramentas computacionais que permitem a execução de um profuso levantamento de informações, poupando tempo e esforço manual no processo. Por meio do NuPILL, fomos apresentados ao Aoidos e tivemos acesso a um corpus que incluía as poesias do autor prontas para a verificação dos dados. A ferramenta nos permitiu observar os processos de acomodação silábica utilizados pelo autor, com embasamento de estudiosos e pesquisadores do verso como Chociay (1974) e Silva (2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obras resgatadas do autor

De acordo com as observações de Neres Costa (2019) a respeito da extensão de sua obra, o autor, que faleceu muito jovem, deixou diversos trabalhos de gêneros textuais distintos, visto que o próprio enveredou por muitos caminhos durante sua trajetória como escritor, acadêmico e jurista, como o teatro, o romance e principalmente a poesia. O pesquisador listou, portanto, 7 (sete) obras publicadas pelo autor em vida, sendo elas:

- "Cerração no bolso" (teatro, 1869).
- "Ela por ela" (novela, 1870).
- "Versos" (poesia, 1879).
- "Um estudo de Temperamento" (novela incompleta, 1870).
- "Pelo Correio" (novela, 1873).
- "A Poesia Popular Brasileira" (ensaios, 1873).
- "O Processo Valadares" (teatro, 1873).

Acrescenta ainda que pode haver trabalhos esparsos do escritor perdidos em jornais e revistas da época, destacando, infelizmente, que "alguns textos seus como O Habeas Corpus e O Padre Estanislau são considerados como extraviados" (Costa, 2019, p. 29).

Tendo em vista o acervo do autor, a pesquisa alcançou um total de dois trabalhos do autor, que foram devidamente digitalizados e atualizados de acordo com a metodologia proposta, sendo eles *Versos* (1870), *A Poesia Popular Brasileira* (1873) e três textos esparsos encontrados por meio de compilações e jornais, *A Floresta* (1876), *Quadro Artístico* (1873) e *A Alzira* (1878). No caso de A Poesia Popular Brasileira", resgatamos o texto original do jornal O Trabalho e realizamos o processo de atualização gráfica, mas logo encontramos uma versão física mais completa do livro, que se encontrava em um estado de degradação, sendo sujeitada ao processo igualmente.

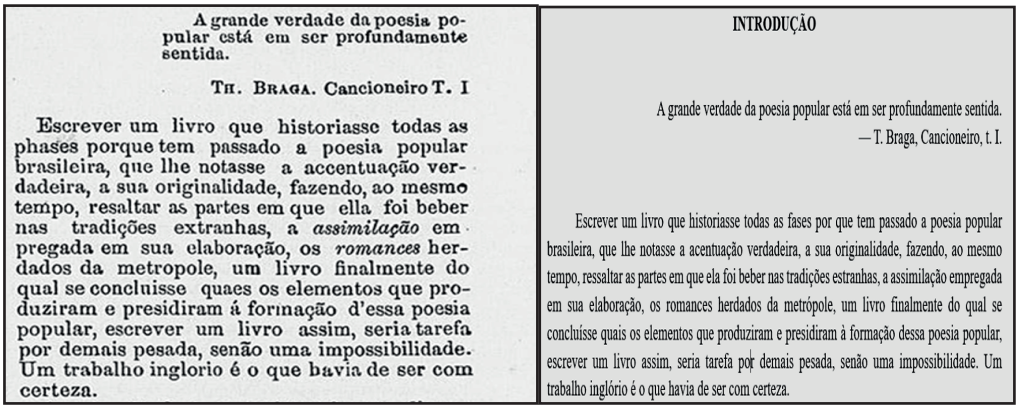
Tabela 1 – Relação de obras encontradas e digitalizadas de Celso Magalhães

NOME	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
A Alzira	1878	Poema
A Floresta	1867	Prosa poética, Poemas em prosa
A Poesia Popular Brasileira	1873	Crítica, teoria ou história literária
Quadro Artístico	1873	Poema
Versos	1870	Poemas, Poemas em prosa

Fonte: Autor, 2026

As obras tratadas estão sendo enviadas ao banco de dados do Portal Maranhão, onde serão disponibilizadas gratuitamente para toda a comunidade leitora e pesquisadora que busque o seu acesso. Destarte, disponibilizamos não só as versões atualizadas como também as originais, que são mantidas no sítio virtual. Este trabalho de preservação histórica se perpetua além da pesquisa, o que significa que mais obras serão resgatadas conforme possam ser encontradas pelo núcleo de pesquisa.

Figura 2 – Introdução de A Poesia Popular Brasileira, antes e depois do processo de atualização da ortografia e transformação em texto editável/pesquisável.



A grande verdade da poesia popular está em ser profundamente sentida.

TH. BRAGA. Cancioneiro T. I

Escrever um livro que historiasse todas as phases porque tem passado a poesia popular brasileira, que lhe notasse a accentuação verdadeira, a sua originalidade, fazendo, ao mesmo tempo, resaltar as partes em que ella foi beber nas tradições extranhas, a *assimilação* empregada em sua elaboração, os *romances* herdados da metropole, um livro finalmente do qual se concluisse quaes os elementos que produziram e presidiram á formação d'essa poesia popular, escrever um livro assim, seria tarefa por demais pesada, senão uma impossibilidade. Um trabalho inglorio é o que havia de ser com certeza.

INTRODUÇÃO

A grande verdade da poesia popular está em ser profundamente sentida.
— T. Braga, Cancioneiro, t. I.

Escrever um livro que historiasse todas as fases por que tem passado a poesia popular brasileira, que lhe notasse a acentuação verdadeira, a sua originalidade, fazendo, ao mesmo tempo, ressaltar as partes em que ela foi beber nas tradições estranhas, a assimilação empregada em sua elaboração, os romances herdados da metrópole, um livro finalmente do qual se concluísse quais os elementos que produziram e presidiram à formação dessa poesia popular, escrever um livro assim, seria tarefa por demais pesada, senão uma impossibilidade. Um trabalho inglório é o que havia de ser com certeza.

Fonte: Acervo do autor, 2026

Transformações no Romantismo e a inserção de Celso na Escola de Recife

A partir da década de 1860, o Romantismo no Brasil começa a passar por transformações significativas, decorrentes da necessidade de se reformular o alvo da escrita dos autores, que se mostravam insatisfeitos com o movimento, insuficiente para seus propósitos. Segundo Sousa (2023), as gradativas mudanças políticas, econômicas e sociais ocorridas durante o século XIX, precisamente em meados dos anos 70 e 80, fizeram com que a literatura produzida no Brasil tomasse novos rumos.

Na perspectiva da autora, aqueles que eram contrários ao Romantismo afirmavam que seu estilo não condizia com a realidade dos fatos, assim reivindicando uma literatura mais realista e engajada politicamente, menos ligada àqueles que obtinham o poder e prestígio, à corte, representada na figura de Dom Pedro II (Sousa, 2023).

Do mesmo modo, Coutinho (1959) assume o decênio de 1860 como o campo para o surgimento de um grupo liberal e social de escritores, com intensa impregnação político-social, nacionalista, ligada às lutas pelo abolicionismo. Cunha (1974) destaca o evento histórico A Guerra do Paraguai (1864-1870) que encerraria brutalmente o decênio, onde duas campanhas paralelas se agitavam e se ajudavam no processo: a Abolição e a República.

Celso Magalhães estava, portanto, inserido num período em que as gradativas mudanças políticas, econômicas e sociais ocorridas fizeram com que a literatura produzida nacionalmente tomasse novos rumos, surgindo uma visão mais engajada politicamente da literatura. Durante sua formação intelectual em Recife, Celso passou seis anos numa faculdade salpicada de novidades na cultura e na academia e de jovens intelectuais, sendo membro da chamada Escola de Recife, notável por escritores como Sílvio Romero e Tobias Barreto que eram ligados às causas mencionadas por Coutinho e Sousa. A partir de 1862, a faculdade de direito pernambucana acelera o processo de abertura para o pensamento científico e referenciais filosóficos, além da crítica literária. Foi um dos âmbitos acadêmicos mais prolíficos na difusão desse estilo e das ideias que surgiam no período.

Costa (2018) observa que as elites da capital pernambucana percebiam a evidente reorientação do vértice político e econômico para o Centro-Sul do Império. Com a necessidade de uma reação, essas elites incorporaram a seu discurso princípios liberais e a crítica ao monarquismo. Do mesmo modo, Celso Magalhães absorveu as críticas à monarquia, tornando-se republicano, fato evidenciado através de seu poema "Osório", encontrando na vivência em Recife teorias cientificistas que realçaram convicções germinadas antes de sua formação acadêmica (Costa, 2018). Em outro estudo de Costa (2017), afirma que seu abolicionismo encontra bases desde a infância, visto que o autor viveu numa fazenda na cidade de Viana com cativos e quilombos, onde havia engenho e escravaria, sendo também testemunha de uma

insurreição de escravos ocorrida no Maranhão no ano de 1867. Sua visão se concretiza durante formação intelectual e aparece em poemas de destaque na coletânea Versos (1870) como "O Escravo" e "Osório", além de "Os Calhambolas".

Panorama de Versos (1870) e análise de "O Escravo" e "Osório"

Versos (1870) se trata de uma coletânea de 26 poemas, com escritos que datam do início de sua vida pública, como "Vem, Não Tardes!" e "Para ela", ambos publicados no ano de 1867 no Semanário Maranhense, um periódico criado no mesmo ano e encerrado já em 1868. A coletânea foi elaborada um pouco mais tarde, quando o autor já se encontrava em Recife para cursar a Faculdade de Direito e Ciências Sociais e Jurídicas.

Além das poesias de autoria de Celso Magalhães, o livro possui uma série de traduções de poemas. A biografia de Celso nos mostra que o autor recebeu diversas influências no campo da arte, dedicando seus estudos de poesia e dramaturgia a escritores franceses como Alfred de Musset, Victor Hugo, Michel Sedaine, Henri Murger e Pierre Lachambeaudie (Sampaio, 1879, p. 2). Em Versos, encontramos traduções de todos esses autores, além de epígrafes referenciando seus textos antes de alguns poemas. Após "Os Calhambolas" que vem logo no começo do livro, os sete próximos poemas são traduções de poemas franceses, sendo eles:

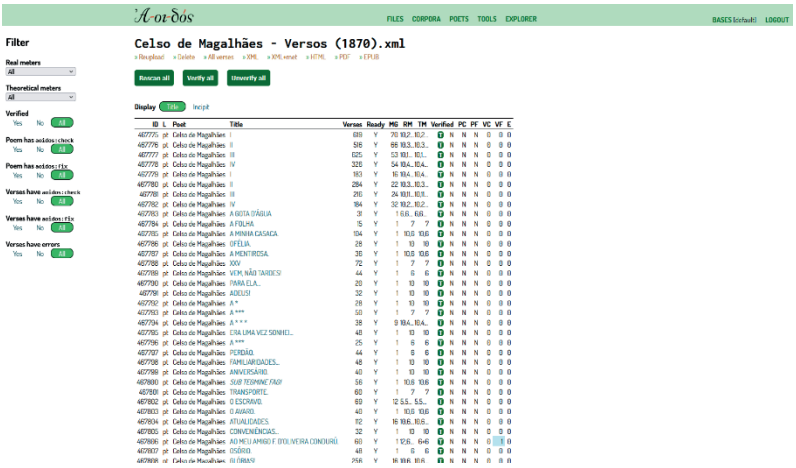
- "Dom Paes", de Alfred de Musset;
- "A Gota D'Água" de Pierre Lachambeaudie;
- "A Folha" de Vicent Arnauld;
- "A Minha Casaca, Epístola" de Michel Sedaine;
- "Ofélia" de Henri Murger;
- "A Mentirosa" de Henri Murger.

O destaque da coletânea reside em três poemas de cunho social do autor, notáveis pelas ideias abolicionistas, sendo eles "Osório", "O Escravo" e "Os Calhambolas". A escolha dos dois primeiros se deu pela curta duração de ambos, o que nos permitiu esmiuçar e compreender melhor os temas e do que se tratavam paralelamente aos processos de digitalização e atualização, além de já terem aparecido em pesquisas anteriores e aparecido e até mesmo no manual de historiografia de Fausto Cunha (Costa, 2017; Mérian, 1974; Cunha, 1971).

Conforme mencionado anteriormente, a análise em tela utiliza o Aoidos[3], ferramenta que vem sendo utilizada por muitos pesquisadores no campo literário, graças a sua facilidade de uso e de obtenção de dados, que permite estudos estilométricos e comparativos em grande escala, visto que "no passado, tais esforços eram muito limitados em seu escopo devido ao custo proibitivo de escanear manualmente milhares de versos" (Mittman, 2020, p. 154). Exemplos notáveis de pesquisas utilizando a análise automática são a dissertação de mestrado de Ana Paula (2023) em "Teófilo Dias e a poética parnasiana: estudo estilométrico" e mais recentemente a pesquisa de doutorado de Leandro Scarabelot (2024) em "Os Poetas Realistas Da Geração De 1870: "uma geração poeticamente perdida"?". Através da parceria com o NuPILL, conseguimos o *corpus* com os textos do autor, o que nos permitiu apenas observar os dados já fornecidos pela ferramenta e relacionar com as pesquisas. Observamos na figura a seguir o corpus com a obra Versos em sua completude:

3 Desenvolvido em 2016 por Adel Mittman, é uma ferramenta capaz de realizar o processo de escansão de versos nos idiomas português e espanhol automaticamente, fornecendo dados como a quantificação dos metros, os esquemas rítmicos e principalmente as já referidas acomodações silábicas aos quais o autor recorre, também chamadas de metaplasmos (sinalefa, elisão, crase, sinérese, diérese, entre outros), que é o que se objetiva principalmente nessa pesquisa. O acesso ao Aoidos é gratuito, podendo ser utilizado abertamente por qualquer um que tenha conexão com a internet, a partir do site: aoidos.net.br.

Figura 3 – *Corpus* de *Versos*, de Celso Magalhães (1870).



Fonte: Aoidos, 2025.

O primeiro surge no ano de 1870, em que Celso Magalhães realizou um discurso na Faculdade do Recife numa ocasião denominada Outeiro Democrático, uma cerimônia formal para homenagem do general Osório, também conhecido como marquês de Herval (1808-1879), importante militar e político do Império, profundamente aclamado como o herói da Guerra do Paraguai. Ali, com a "elite pernambucana, incluindo o presidente da província, senadores e deputados gerais por Pernambuco, além do próprio Osório, sabidamente amigo pessoal do Imperador" (Costa, 2019, p. 221), Celso escreveu e recitou poemas abertamente contrários ao sistema monárquico, ao mesmo tempo em que glorificava a figura do militar presente, o que deixava claro sua visão republicana.

O acontecimento parece ter ficado famoso no Brasil, com Fausto Cunha relatando o ocorrido em seu manual de historiografia do Romantismo:

> Osório não precisa de púrpuras, porque tem o seu manto crivado de balas, que atestam o seu civismo; Osório não precisa de trono...", e assim por diante, numa progressão que obrigou o general a interromper o orador subversivo com um viva ao Monarca... (Cunha, 1971, p. 19).

Mais tarde, a coletânea Versos (1870) com todos os poemas do autor até aquele momento foi publicada. Com mais ousadia do que a apresentada na ocasião, Celso incluiu seu discurso no poema intitulado "Osório", que vai além de apenas o republicanismo. O poeta abre o poema fazendo referência à encerrada Guerra do Paraguai, descrevendo a figura do herói imperial que brilha em cor púrpura:

Nas páginas da história
da guerra, que hoje finda
há uma folha esplêndida,
brilhante e branca e linda.

Um monumento válido
se eleva triunfal;
o cimo toca as nuvens,
a glória é o pedestal.

Em torno dele a púrpura
divina luz espalha:
púrpura ganha aos rútilos
lampejos da metralha.

De estrelas uma auréola
lhe cinge o busto heroico.
Saudai novo Encelado
— Osório —, o bravo, o estoico! (Magalhães, 1870, p. 197-198.)

Celso prossegue derramando elogios à figura do militar. Demonstra um discurso extremamente negativo ao sistema monárquico, enxergando o próprio imperador como inferior ao militar, indo longe o suficiente para insinuar a queda do Império:

Vede-lhe o vulto homérico!
Maior do que o monarca,
a topetar com o éter,
o infinito abarca.

Ante ele o brilho efêmero
do trono, que estremece
olhando a queda próxima,
desfaz-se, des'parece.

As suas chagas úmidas
ainda 'stão, tão santas!
espalham fulgor lúcido.
O rei beija-lhe as plantas (Magalhães, 1870, p. 198).

A exaltação à figura militar é um aspecto que decorre das visões políticas que aparecem nesse período histórico da literatura brasileira. Segundo Afrânio Coutinho, o espírito romântico vem da liberdade do indivíduo, sendo reformista por haver "uma busca de um mundo novo, responsável pelo sentimento revolucionário do romântico, ligado aos movimentos democráticos e libertários que encheram e época e na devoção a grandes personalidades militares e políticas." (1959, p. 145-146). Magalhães segue neste enfoque até o ponto em que declara expressamente seu abolicionismo, ao passo em que afirma que não existe grandiosidade em quem compactua com a escravidão e exalta a liberdade acima de tudo:

Maior quem é? Dizei-o.
O soberano? Não!
De grande não tem títulos
quem nutre a escravidão.

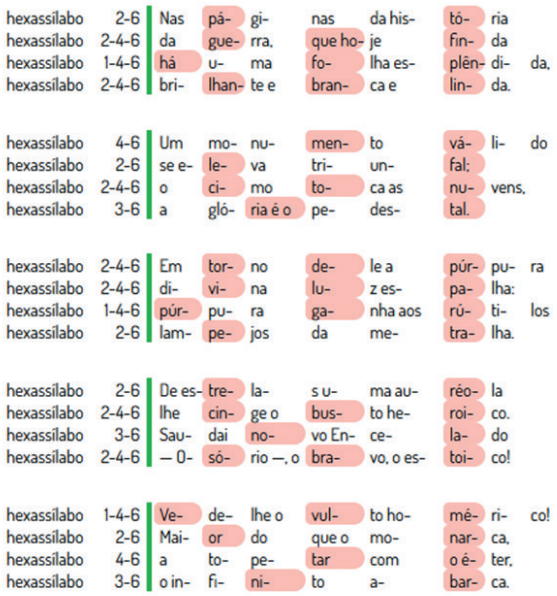
A monarquia? Egrégio
não pode ser o braço,
que tem na garra trêmula
a ponta do baraço;
que o dente agudo, esquálido,
para morder aguça,
e tem sob os pés, pálido,
um povo que soluça.

Maior quem é? Dizei-o.
Maior que a majestade
de Osório — o vulto heroico?
Só Deus e a liberdade! (Magalhães, 1870, p. 198-199).

Em "Osório", Celso demonstra seu comprometimento com os conceitos e ideologias que adotou nos estudos em Recife naquela época. Tendo como base o livro "Romantismo" de Adilson Citelli, podemos comparar "Osório" à poesia de Castro Alves (1847-1871), que também era ligado ao grupo de Tobias Barreto e contemporâneo de Celso Magalhães, quando olhamos para a ideia de uma poesia focada no "compromisso social, engajada nos problemas do tempo, influenciada por um pensamento libertário [...]" com excesso de exclamações que dão a impressão de "terem sido mais para serem berrados em praça pública do que para merecerem solitária e silenciosa leitura" (Citelli, 2007, p. 62).

O autor estrutura esse poema utilizando um total de oito quartetos, todos com versos em hexassílabos. A figura abaixo mostra um trecho da escansão automática realizada no Aoidos:

Figura 4 – Escansão Automática de "Osório", disposto na obra Versos (1870).



Fonte: Aoidos, 2025.

Diante da escansão automática exposta, temos adicionalmente os esquemas rítmicos revelados no lado esquerdo da imagem. Observamos que é um poema isométrico, pois todos os seus versos calculam a mesma quantidade de sílabas poéticas. O esquema rítmico mais presente aqui é o de número 2-4-6. Para finalizar, a ferramenta nos mostra que Celso Magalhães recorreu aos processos de acomodação silábica sinérese, crase, elisão e principalmente a sinalefa, com um total de 38 ocorrências, conforme a tabela a seguir:

Tabela 2 – Quantidade de acomodações silábicas em "Osório".

Osório		
Grupo	**Quantidade**	**Exemplo**
Crase	04	bri/lhan/te e/ bran/ca e lin/da
Elisão	09	há u/ma/ fo/lha es/plên/dida
Sinalefa	35	Nas/ pá/ginas/ da his/tó/ria
Sinérese	01	De es/trela/ su/ma au/réo/la

Fonte: Autor, 2025

Já no caso de "O Escravo", não há um republicanismo ou antimonarquismo declarado, mas sim uma narrativa poética em primeira pessoa, onde um africano relata ter sido sujeitado ao cativeiro, que opostamente costumava viver em liberdade na sua terra natal. Além de ter profunda liberdade na África, era também "soberano das matas", tendo um povo inteiro "sujeito à sua lei":

Nasci na adusta África,
no meio das areias.
Senti livre nas veias
meu sungue a borbulhar.
E nos infindos praínos
de meu país ardente
vivia livremente
sem nada recear.

E dos desertos áridos,
de areias no oceano
eu era o soberano,
das matas era o rei.
Meu sangue era de príncipes,
dos meus era o primeiro,
e tinha um povo inteiro
sujeito à minha lei (Magalhães, 1870, p. 179.)

Em determinado momento, o protagonista transita de seus sonhos de liberdade para a realidade de escravo, declarando estar há trinta anos preso no Brasil em cativeiro, sonhando avidamente com seu retorno. As descrições utilizadas se convertem para um tom mais agressivo, ao passo em que declara um desejo monstruoso de se vingar violentamente de seus malfeitores: os brancos.

Trint'anos, trinta séc'los
lá vão qu'estou sofrendo,
martírios padecendo
mais duros que o morrer.
Porém se o braço rígido
um dia levantar-se,
tremendo há de vingar-se
de quem me faz sofrer.

De noite aos cantares de meus companheiros
na vida d'escravo, fazendo serão,
que doces saudades eu tenho dos gozos
da vida de então!

Mais tarde se durmo — que sonhos tão belos
meu sono de escravo então vem dourar!
no sangue dos brancos eu sonho sedento
feroz me banhar. [...]

Desperto. Resolve-se o sonho em fumaça,
mas sinto no peito o sangue a pular.
Cuidado, meus brancos, jurei pelo inferno
vingança tomar! (Magalhães, 1870, p. 180-181).

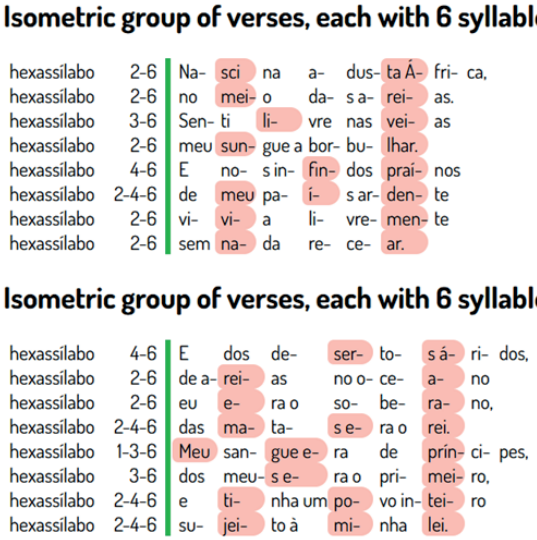
O uso de adjetivos não é poupado. Utiliza de uma das características mais fortes do romantismo: o culto à natureza, vista como um "lugar de refúgio, puro, não contaminado pela sociedade, lugar de cura física e espiritual." (Coutinho, 1959, p. 146). Há em sua visão da África uma profusa idealização, graças à ausência de economia de adjetivos e até mesmo no exagero apresentado. O contraste realizado entre as partes do poema se mostra visceral, provocando uma sensação de ruptura entre o sonho e a realidade do narrador.

Ao contrário de "Osório", que traz uma visão mais politizada, a principal marca de abolicionismo presente em "O Escravo" **é apenas a própria concepção de liberdade dos** negros escravizados, idealizada pelo desejo de retornar à terra natal e de fazer vingança. A conotação, que no poema anterior trazia acidez, ironia e corrosão, aqui se mostra fundamentalmente agressiva, reflexiva.

Para Yuri Costa, essa perspectiva mais fantasiosa, idealizada e reflexiva apresentada se aproxima em "O Escravo" de algumas poesias abolicionistas bem mais próximas de um cunho romântico, isto é, antes das transformações do romantismo e de seu aspecto mais crítico (condoreiro), "com as quais Magalhães teve contato ainda muito jovem, a exemplo de Meditação, de Gonçalves Dias (1849) e O Calhambola, de Trajano de Galvão (1863)" (2017, p. 93).

Aqui, a estrutura do poema é quase a mesma presente em "Osório" com os hexassílabos. O diferencial se encontra a partir da sétima estrofe, onde Celso passa a utilizar o pentassílabo em diante quando o protagonista fala de seus sonhos de vingança. O esquema rítmico mais presente aqui também é o de número 2-4-6, seguindo com um ritmo de número 2-5 + 2-5 nas últimas estrofes.

Figura 5 – Trecho inicial da escansão automática de "O Escravo", disposto na obra Versos (1870).



Fonte: Aoidos, 2025.

Do mesmo modo, Celso também recorre a uma série de metaplasmos para a construção da poesia, utilizando, em adição aos já mencionados, etclipse e síncope, mantendo-se atrelado ao uso constante da sinalefa:

Tabela 3 – Quantidade de acomodações silábicas em "O Escravo".

O Escravo		
Grupo	**Quantidade**	**Exemplo**
Crase	03	E/ quan/do o/ pei/to túr/gido
Elisão	09	Na/sci/ na a/dus/ta Á/frica
Etclipse	03	Co'a/ ho/rrível/ ven/ta/nia...
Sinalefa	34	Meu/ san/gue e/ra de/ prín/ cipes
Síncope	01	para/ des/can/sar à/ ses/ta
Sinérese	04	E/ nos/ infin/dos/ praí/nos

Fonte: Autor, 2025

Mittman (2016) descreve os metaplasmos como fenômenos que são observados diante de um verso sendo corretamente escandido, notando que os manuais de versificação com frequência descrevem estes fenômenos do ponto de vista do poeta. Nesse sentido, o manual de teoria do verso de Chociay (1974) postula que a estruturação de um verso "pressupõe o conhecimento e domínio técnico de uma série de processos de acomodação silábica e acentual, para que se atinja o esquema desejado" (Chociay, 1974, p. 14). São exatamente essas alterações morfológicas ou fonéticas feitas de forma intencional nas palavras dentro de uma composição poética para encaixar vocábulos que, dado sua natureza gramatical, são alterados para fins estilísticos.

Nas poesias abolicionistas apresentadas de Celso Magalhães, observamos com frequência a presença de dois desses processos de acomodação silábica, sendo precisamente a sinalefa e a elisão, conforme observamos nas figuras 07 e 09. Em seu estudo estilométrico, Silva (2023) pontuou que a sinalefa, independentemente da época, será sempre o metaplasmo mais usado, provavelmente devido ao fato de ser a mais conveniente por não exigir drástica mudança fonética, sendo produzida apenas da combinação de duas vogais em sequência, mas que "há um uso maior da sinalefa e da sinérese, em termos de quantidade, por parte dos poetas que compuseram a cena literária brasileira do final do século XIX e primeiras décadas do século XX", incluindo figuras como Castro Alves, Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo, poetas do Romantismo nesse período de reformas e transformações, que não deixaram de fazer uso desses elementos formais de versificação, "pelo contrário, eles também os empregam, e empregam com uma frequência notável, semelhante ao que ocorre com poetas que fizeram parte de outras épocas e/ou períodos literários." (2023, p. 134).

No caso da elisão, Chociay (1974), ao exemplificar os processos de acomodação, associa o metaplasmo a autores também românticos da mesma época e de quem Celso nutriu inspirações e vivências, utilizando de trechos de Almeida Garrett, Tobias Barreto e Gonçalves Dias (Chociay, 1974, p. 17-22). Esses dados nos ajudam a compreender ainda mais como as escolhas estilísticas de Celso Magalhães também o inserem no período contextualizado nessa pesquisa, sendo suas recorrências de acomodação uma boa representação disso. Eles poderão ser mais bem aproveitados em futuros estudos de comparação de seu estilo com o de outros autores da época, que foram mencionados aqui através da historiografia e de estudos realizados sobre a poesia do século XIX, muito além do escopo desta análise.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, podemos concluir que o fomento aos bancos de dados com obras literárias é de suma importância, pois permite a preservação da história de autores que deixaram sua marca ao longo das gerações, perpetuando seu legado no processo. A digitalização se mostra uma forte aliada para manter o acesso a esses trabalhos para futuros leitores, estudantes e pesquisadores, ainda mais quando levamos em conta o contexto tecnológico em que vivemos nos dias de hoje. Através da digitalização e a inserção no Portal Maranhense, preservamos a história de múltiplas formas, além de democratizar o acesso a essas obras para um público maior, retirando autores do obscurantismo, como é o caso do poeta Celso Magalhães.

Apesar de breve, a análise digital nos mostrou que o Aoidos é uma ferramenta poderosa para o trabalho com poemas, que apesar de ainda exigir conhecimento dos tratados e manuais de versificação e das estruturas poéticas, é capaz de escandir qualquer poesia ou conjunto de poemas com muito mais facilidade do que se realizaria manualmente, fornecendo dados valiosos como a identificação dos metaplasmos e os esquemas rítmicos, além de muitas outras informações, o que traz um potencial imenso para futuras pesquisas analíticas no campo poético.

Pudemos observar também como o autor se destacou com seus poemas abolicionistas, fazendo uma crítica ousada e destemida em relação aos seus objetivos. Destarte, há ainda muitos trabalhos não encontrados que podem ser ainda digitalizados, além de profuso espaço para se

trabalhar na obra de Celso Magalhães, visto que o autor incursionou para muitos outros caminhos além de sua poesia e possui uma complexa dualidade quanto a seu racialismo e abolicionismo. Por meio dessa pesquisa, os benefícios oferecidos vão da preservação e democratização do acesso de sua obra até a valorização de sua figura na literatura, abrindo caminho para que futuras pesquisas possam ser feitas de grande importância no ambiente acadêmico e científico.

Em última instância, ressaltamos o caráter de incentivo e de fomento à preservação, digitalização e atualização de obras na pesquisa, que se estende para a literatura maranhense de uma forma em geral, trabalhando para que menos autores caiam em um obscurantismo, muito menos suas obras, a fim de tornar acessíveis digitalmente para futuros leitores e pesquisadores, que poderão apreciar mais da literatura maranhense e conhecer sobre a trajetória não só de Celso de Magalhães, como também de muitos outros autores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo auxílio e à Universidade Estadual do Maranhão pelo apoio institucional.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA DIGITAL DA LITERATURA MARANHENSE. [s. d.]. Disponível em: https://www.literaturamaranhense.ufsc.br. Acesso em: 25 maio 2026.

CANTANHEDE, Washington. **Celso Magalhães: um perfil biográfico**. 2. ed. São Luís: Associação do Ministério Público do Estado do Maranhão, 2024.

CHOCIAY, Rogério. **Teoria do verso**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

CITELLI, Adilson. **Romantismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA, José Ribamar Neres. **Celso Magalhães: pioneiro nos estudos do folclore brasileiro**. *In*: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA: ESCRAVIDÃO E DIÁSPORA AFRICANA NO SÉCULO XIX, 15., 2015, São Luís. *Anais* [...]. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2015.

COSTA, Yuri Michael Pereira. **Celso Magalhães e a justiça infame: crime, escravidão e poder no Brasil Império**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

COSTA, Yuri Michael Pereira. **A Flor Vermelha: ensaio biográfico sobre Celso Magalhães (1849-1879)**. São Luís: Café & Lápis, 2018.

COSTA, Yuri Michael Pereira. **A união dos opostos: abolicionismo e racismo na obra literária de Celso Magalhães (1867-1879)**. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 30, n. 2, p. 77-106, 2017.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura brasileira**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

CUNHA, Fausto. **O romantismo no Brasil: de Castro Alves a Sousândrade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

MAGALHÃES, Celso. **Versos**. São Luís: Tipografia Belarmino de Matos, 1870.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Celso Magalhães, poète abolitionniste**. *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, n. 22, p. 7-39, 1974.

MITTMANN, Adiel. **Escansão automática de versos em português**. 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Computação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NASCIMENTO, Braulio do. **Celso de Magalhães: pioneiro dos estudos de cultura popular no Brasil**. *In*: COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE; COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE. *Anais do X Congresso Brasileiro de Folclore*. São Luís, 2002.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1888.

SILVA, Ana Paula Nunes de. **Teófilo Dias e a poética parnasiana: estudo estilométrico**. 2023. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.